

PROJECTOS DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

As actividades artísticas impulsionam a comunicação, a originalidade, a iniciativa, a criatividade, proporcionando a aquisição de saberes e de competências necessários à compreensão e ao reconhecimento da diversidade social. Quando vivenciadas no sistema de ensino, permitem a implicação das famílias e dos diversos actores sociais no processo educativo, proporcionando aos jovens entusiasmo pelas suas próprias actividades e criando-lhes perspectivas em termos de opções de vida.

De igual modo, a liberdade em termos de criação cultural que caracteriza a Animação Teatral propicia a participação, o envolvimento, a solidariedade e visa a melhoria da qualidade de vida de um grupo ou de uma comunidade, através de procedimentos, técnicas e recursos teatrais. A partilha do protagonismo e a vivência em grupo que caracteriza o trabalho de natureza performativa subjacente à animação teatral, assume uma função formadora e informadora que contribui para a compreensão e consciencialização da diversidade de realidades socioculturais, provocando reacções nos intervenientes.

A DIVERSIDADE CULTURAL

Em sociedades complexas e globalizadas, promover o desenvolvimento cultural e estimular a participação social é um objectivo de concretização complexa e que implica uma dinâmica onde os destinatários sejam realmente implicados. Importa favorecer a participação activa na vida da cidade, nas iniciativas da comunidade, cas associações, dos grupos, de modo a que se estabeleçam as relações, se fomente a comunicação e o contacto entre os indivíduos, estimulando a expressão criativa, associando entre si a diversidade cultural da população.

O sentimento de pertença, de inclusão e o respeito pela diferença, pela identidade individual, o querer conhecer melhor o outro são uma base de estabilidade social que contribui para a assumpção de direitos por todos os indivíduos que compõem uma determinada comunidade ou território. Tal como refere Giroux (2000) apud Ytarte (2007: 172) esta nova dimensão de cidadania, a partir da ideia da diferenciação pressupõe novos valores da sociedade e a convivência entre a diversidade, o particular e o específico dos grupos, bem como o reconhecimento da pluralidade das formas de cultura.

As mudanças que a nossa sociedade vem sofrendo, no que diz respeito aos recentes movimentos de imigração, devem, necessariamente, implicar, também, novas atitudes por parte dos profissionais do ensino. Mais ainda, devem implicar maleabilidade na articulação dos conteúdos previstos nos projectos curriculares, adaptando e transformando criativamente essa nova realidade, que se prende com a heterogeneidade étnico-cultural das escolas portuguesas. Como refere Carneiro (1996: 10) "aprender a viver juntos e (...) aprender a ser, só tem significado na relação com o outro diferente e na descoberta da sua inesgotável riqueza pessoal".

A Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, no relatório para a UNESCO, defende, como salienta Delors (1996: 48) que o respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos e dos grupos humanos deverá ser um princípio fundamental da educação que poderá proporcionar a coesão e, simultaneamente, a exclusão de qualquer forma de ensino estandartizado. Destaca, ainda, que, quer em prol das populações autóctones, quer em prol dos grupos migrantes, importa encontrar-se um

ponto de equilíbrio entre "a preocupação de uma integração bem sucedida e o enraizamento na cultura de origem". Neste sentido, dever-se-á estimular uma educação inter-cultural, que seja verdadeiramente um factor de coesão e de paz.

UM PROJECTO DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA EM CONTEXTO ACADÉMICO

Para além de todas as medidas relacionadas com as práticas escolares, a educação deverá valorizar tanto a diversidade de aptidões individuais, como "a riqueza das expressões culturais dos vários grupos que compõem a sociedade" e o pluralismo linguístico e cultural, enquanto fonte de riqueza humana. Essa será uma medida fundamental para que os alunos se integrem na vida com a capacidade de entenderem e interpretarem os factos mais relevantes relacionados quer com a sua própria individualidade, quer com a sociedade da qual fazem parte. Para tal, as actividades artísticas, como promotoras da comunicação, da originalidade, da iniciativa, contribuem de forma ímpar para o reconhecimento social, diversidade dos sistemas de ensino, implicação das famílias e dos diversos actores sociais no processo educativo, proporcionando aos jovens entusiasmo pelas suas próprias actividades e criando-lhes perspectivas em termos de opções de vida.

Neste contexto, o papel educativo da escola não pode estar dissociado da acção cultural local. A escola deve assumir, em simultâneo com os diversos agentes culturais locais, a responsabilidade educativa, num processo assente nas necessidades socioculturais da comunidade. Neste contexto, a possibilidade de mudar atitudes, de transmitir valores, de estimular as relações e a comunicação entre os cidadãos, seja numa escola, num bairro, numa cidade, pode ser veiculada, por exemplo, através de projectos educativos de teatro.

No âmbito da leccionação da disciplina de Opção de Expressão Dramática, do 3º ano na Licenciatura em Ensino Básico do 1º ciclo, desenvolvemos um projecto cujo objectivo foi a criação de um texto colectivo e a sua dramatização. O desenvolvimento do projecto foi suscitado pela realidade encontrada em algumas escolas, através da orientação de estágios e pelo facto de alquns dos alunos intervenientes, enquanto estagiários e futuros

profissionais do Ensino Básico, terem a seu cargo, na sala de aula, crianças oriundas de diferentes países. Esta realidade, cada vez mais comum nas escolas portuguesas, influenciou o percurso do nosso projecto, já que a plena integração dessas crianças na sala de aula, pode não ser fácil, não só pela dificuldade de comunicação em termos linguísticos, mas, também, por eventuais discrepâncias culturais que muito podem inibir as relações humanas.

A nossa metodologia de trabalho foi pensada em função da realidade com que os alunos, futuros profissionais, se iriam confrontar na sua prática docente, assente num processo de trabalho em equipa, num trajecto comum que permitiu a partilha e a troca de ideias, proporcionando a compreensão dos pontos de vista dos outros. Nesse processo, todos os momentos tiveram uma importância particular e a sua articulação foi sempre desenvolvida com o fito da qualidade performativa.

Assim, a nossa proposta inicial foi a de entrevistarem famílias imigrantes no nosso país e, a partir das suas histórias de vida, elaborarem guiões dramáticos provisórios que deram origem a um Texto Dramático e à sua Representação Teatral.

Para tal, estabelecemos uma série de etapas, delineadas e concretizadas em equipa, tendo havido espaço para discussões e troca de ideias, analisando-se cada situação sempre em conjunto, o que contribuiu para o enriquecimento dos intervenientes. A prática do trabalho em equipa permitiu e incentivou a expressão das ideias próprias e a compreensão dos pontos de vista dos outros. Esta é a metodologia que mais claramente se adequa às condições especiais da área curricular da Expressão Dramática/Teatro.

O trajecto iniciou-se com a elaboração de um guião de entrevista que cada um dos grupos de trabalho usou no momento da entrevista. Em seguida, os alunos partilharam as diferentes histórias de vida obtidas junto dos seus entrevistados, articulando-as entre si, construindo, assim, uma estrutura provisória de um texto dramático. Em seguida, transformaram o texto dramático provisório, num guião dramático que serviu de indutor à improvisação e à criação no espaço cénico. E foi com base nas diversas improvisações e criações no espaço cénico que se foi delineando o Texto Dramático definitivo.

No decurso de todo o trajecto de criação dramática, os alu-

nos/actores usaram o seu potencial dramático espontâneo, improvisando e criando personagens, construindo cenas, inventando novos episódios anexados aos que lhes serviram inicialmente de mote de inspiração, montando uma estrutura dramática, traduzida num Texto Dramático escrito que culminou com uma representação teatral aberta à comunidade académica.

As nossas propostas de trabalho visaram criar no grupo de alunos/actores, envolvidos no projecto, disponibilidades para se envolverem em práticas pedagógicas que estimulassem capacidades tão importantes como a capacidade criativa, a capacidade crítica, a responsabilidade pela criação do seu próprio mundo de trabalho.

Consideramos que os recursos expressivos utilizados pela Expressão Dramática/Teatro serviram esses propósitos de forma impar, uma vez que, aliados à educação, proporcionaram aos alunos uma abordagem diversificada em termos de conhecimentos, num ambiente lúdico e de livre expressão de sentimentos, emoções e sensações. Desse modo, os alunos integrar-se-ão na vida profissional com a capacidade de entenderem e de interpretarem os factos mais relevantes relacionados, quer com a sua própria individualidade, quer com a realidade social de que fazem parte.

PROJECTOS DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA COMUNIDADE

O Teatro e a Animação Sociocultural

O teatro e a animação sociocultural têm um mesmo denominador: a comunicação de uma mensagem entre o emissor e o receptor, veiculada por um canal, que no caso do teatro é a cena, o espaço de representação, e no da animação sociocultural é a infra-estrutura sociocultural.

O teatro promove a comunicação directa, gerando uma dinâmica de consciencialização e de auto-organização. O trabalho colectivo, implícito no trabalho teatral, configura-se progressivamente através da distribuição de papéis e de responsabilidades. Os debates, as partilhas de saberes, os ensaios, são actividades de grupo que favorecem o encontro entre as pessoas, uma das características essenciais da animação sociocultural. Neste contexto, o actor e animador desempenham ambos o papel de

emissores, "dinamizadores de comunicação, mediadores entre um colectivo-público e um projecto-texto de intervenção-interpretação através de canais e códigos infraestruturais-cenográficos" (Pérez. 1996: 96). Os modelos teóricos e a confluência metodológica em que assentam promovem a inter-relação entre a animação e as técnicas teatrais, na concretização de projectos socioculturais.

O teatro favorece o distanciamento da realidade através da representação, facultando ao indivíduo a tomada de consciência e a transformação dessa mesma realidade, o que em termos de animação se traduz em "dar voz" a quem normalmente não a tem, possibilitando que o indivíduo se reveja nos seus problemas quotidianos. Deste modo, o teatro oferece um largo campo de acção, pelo seu vasto leque de destinatários, com os mais variados interesses e aptidões, desencadeando múltiplos processos comunicativos e auto-organizativos que se podem converter em funções de definição da actividade de animação sociocultural.

Animação Teatral

A animação teatral é, assim, uma modalidade específica da animação sociocultural e ambas desenvolvem processos educativos em âmbitos sociais e comunitários. Os processos educativos, neste caso, caracterizam-se por serem participativos e dinâmicos. Contudo, à Animação Teatral está subjacente a possibilidade da existência de espectadores, o que a distingue do teatro como meio de animação sociocultural. A liberdade em termos de criação cultural, que caracteriza a animação teatral, propicia a participação, o envolvimento, a solidariedade e visa uma organização que facilite a melhoria da qualidade de vida de um grupo ou de uma comunidade, através de procedimentos, técnicas e de recursos teatrais.

A dimensão social e política, manifesta na partilha do protagonismo e na vivência em grupo que caracteriza o trabalho de natureza performativa subjacente à animação teatral, assume uma função formadora e informadora que contribui para a compreensão e consciencialização da diversidade de realidades socioculturais, provocando reacções nos intervenientes, sejam eles actores/emissores ou espectadores/receptores.

Por outro lado, o processo de criação teatral integra em si uma dimensão educativa: a educação expressiva através do domínio do corpo e da voz; a educação plástica pela concepção,

exploração e/ou construção do cenário/espaço cénico, dos adereços e dos figurinos; e a educação musical pela exploração de fontes sonoras e musicais.

Em termos de animação teatral, a estratégia de fazer teatro é mais importante do que a estratégia de ver teatro. O processo de criação teatral não deve ser confundido com a encenação tradicional, em que o destaque é o espectáculo. Trata-se de um processo de criação que convoca as referências estéticas do domínio da parateatralidade, expressas nos jogos e nas tradições dos grupos e das comunidades, explorando os signos teatrais e relacionando-os com a vida. As implicações do contexto social e político são manifestas em termos de dinâmicas de intervenção e de valorização humana, retratando o meio. Pelo teatro, ou acções parateatrais, os indivíduos envolvem-se, comprometem-se, representam a vida.

Embora convocando procedimentos, técnicas e recursos teatrais, a animação teatral estabelece uma relação diferente com o público, envolvendo-o na acção teatral, implicando-o no espectáculo, diluindo a barreira actor - espectador. E isto acontece, também, porque muitas vezes o próprio espaço de representação é informal, diferente do espaço de teatro convencional. A acção teatral acontece, muitas vezes na rua, em praças públicas... espaços que servem de cenários para retratar as vidas dos próprios intervenientes.

Martinez (2006) chama a atenção para a potencialidade pedagógica do teatro como ferramenta fundamental nos processos de animação teatral e enumera um conjunto de vantagens que a aprendizagem dramática proporciona, quando gerada pela colocação em jogo de procedimentos, técnicas e recursos teatrais.

Assim, destaca que a metodologia de animação teatral proporciona o envolvimento individual como um todo (corpo, mente, sentimentos e emoções) sem a auto-censura que ocorre em muitas acções da vida quotidiana, pela possibilidade que oferece a cada indivíduo de trabalhar com o seu inconsciente, as suas contradições, medos e complexos, levando-os, inclusivamente, a enfrentar e a descobrir os meios para os superar ou a conviver com eles. Os recursos expressivos e comunicativos individuais, quando postos em jogo, podem contribuir para o auto-conhecimento e a auto-descoberta dos próprios limites e possibilidades. Não havendo o peso da avaliação, há maior espontaneidade

e torna-se mais fácil o assumir de riscos. De igual modo, pelo teatro experimenta-se e joga-se com a criatividade alheia. A observação e a partilha da criação com os demais elementos do grupo ou da comunidade e o feedback obtido na alternância entre o serem actores e constituírem-se como público uns dos outros, transforma-se numa experiência de aprendizagem significativa.

Também a elaboração de projectos de natureza teatral permite que os intervenientes, vivenciando uma situação lúdica ou formativa, a qual é previamente acordada, reflictam sobre as suas interpretações e, através da performance posterior, compreendam e analisem as suas experiências.

Um projecto de Animação Teatral

Um projecto de animação teatral onde tivemos a oportunidade de intervir, foi junto de um grupo de jovens de uma pequena freguesia do concelho de Braga. Uma vez por semana, à noite, reuníamos com o grupo, dinamizando actividades de cariz teatral. Nesse contexto, depois de diversas sessões de trabalho com base em jogos dramáticos de exploração do espaço, da voz, dos objectos, de construção de personagens, o grupo pediu que a animadora procurasse um texto teatral que proporcionasse a todos a possibilidade de representarem uma personagem. O seu objectivo era dar continuidade às reuniões semanais do grupo, mas visando uma representação teatral a ser partilhada com a comunidade. Assim, seleccionámos o texto teatral "A birra do morto", de um autor português, Vicente Sanches.

O empenho da maioria e a própria dinâmica do grupo, contribuiu para que aqueles que faltavam mais vezes, por diferentes razões, passassem a fazer um esforço nas suas vidas pessoais, no sentido de chegarem a horas aos ensaios e de faltarem o menos possível.

O aspecto mais relevante no trajecto deste grupo foi o facto de, a dado momento, ter trazido um novo elemento para o grupo. Tratava-se de um rapaz que trabalhava de dia e estudava à noite, num curso para adultos, e que mal sabia ler. Esta limitação na leitura traduziu-se na demora de memorização do texto relativo à personagem que lhe foi atribuída e em algum constrangimento do jovem rapaz e do próprio grupo sempre que ele era forçado a expor a sua dificuldade. Para que não se sentisse inibido, a nossa estratégia foi a de lhe propor representar uma outra

personagem, a do padre, sugerindo que ele a caracterizasse como um homem idoso. A nossa intenção foi criar um contexto em que o jovem actor pudesse ter o texto na mão, lendo-o em cena. Ao caracterizar um padre de idade avançada, com dificuldade na fala e falta de visão e de memória, a sua dificuldade de leitura transformou-se num contributo para a construção da personagem.

O jovem actor foi ganhando confiança com o grupo e segurança em si próprio, transformando a personagem do Padre numa personagem com grande comicidade.

Para o sucesso da representação teatral, todos contribuíram de alguma forma: uma rapariga, por ser costureira, arranjou e modificou alguns dos figurinos necessários, nomeadamente, o do Padre; outro elemento conseguiu, através de um familiar, a madeira e a construção da estrutura de um caixão com fundo falso, para a representação; outros, os meios de transporte da estrutura de madeira e dos próprios actores para o dia da estreia, uma vez que foram convidados a irem apresentar a peça a uma freguesia distante.

Este grupo, constituído por jovens vizinhos, amigos, colegas de curso e, alguns deles, com relações de parentesco entre si, foi dos poucos grupos com quem trabálhamos, em associações de bairro ou grupos de animação cultural, que mais tempo manteve em funcionamento a associação da freguesia a que pertencia.

O teatro de Sombras Humanas

Uma última intervenção que gostaríamos de partilhar, foi com um pequeno grupo de jovens raparigas entre os 16 e os 20 anos que viviam há bastantes anos numa Instituição de Acolhimento, por terem sido retiradas às famílias. Apesar de viverem na Instituição, estas jovens estudavam em diferentes escolas públicas, tendo, por isso, bastante contacto com a realidade exterior à Instituição.

O conflito latente entre alguns elementos do grupo surgia à mais pequena contrariedade, o que nos levou a reunir e propor um conjunto de jogos e de actividades expressivo-dramáticos, no sentido do desenvolvimento de competências relacionais, procurando a resolução de tensões ou conflitos e estimulando o espírito de trabalho colaborativo.

O grupo foi gerindo as suas divergências ao longo das di-

versas sessões de trabalho, sempre com a nossa mediação, tendo vindo a aderir à proposta de desenvolvimento de um projecto de criação dramática. A sua opção foi a de criação de um teatro de sombras humanas, com o fito de uma apresentação aberta à restante comunidade institucional, integrado nas comemorações de aniversário da Instituição.

Os temas de criação foram dois: um ligado a preocupações ambientais e outro relacionado com a dança e o mundo do espectáculo. A escolha do primeiro tema foi consequência da época do ano, a Primavera, pelo facto de ocorrerem muitos fogos, dado o calor que se fazia sentir naquele momento. Assim, o tema da prevenção e da cidadania foram os indutores desse primeiro momento de criação dramática. O segundo tema foi proposto por duas jovens raparigas, de origem africana que, por terem grande aptidão para a dança, queriam homenagear o seu ídolo, Michael Jackson. Por uma triste coincidência, o referido artista morreu na semana anterior à apresentação pública do teatro de sombras.

Todas as envolvidas estiveram sempre presentes em todas as sessões de trabalho, responsabilizando-se pelas diferentes tarefas que iam sendo necessárias assegurar e cumprindo-as rigorosamente. A apresentação da *performance* final, foi um marco importante para o grupo, não só pelo reconhecimento das suas capacidades de gestão do conflito, empenho e responsabilidade, como também pelo reconhecimento da sua capacidade criativa e artística.

O sucesso de cada um dos percursos deveu-se, sobretudo, aos processos de trabalho implementados. Em todos eles houve uma preocupação constante em estimular o sentimento de pertença dos intervenientes, pela inclusão de todos, sem excepção, apesar das diferenças. As etapas estabelecidas foram sendo delineadas e percorridas em equipa. Houve espaço para discussões e troca de ideias, analisando-se cada situação sempre em conjunto, o que contribuiu para o enriquecimento dos intervenientes.

Pelas práticas inerentes à animação teatral criaram-se espaços de construção de conhecimento e formas, entre muitas outras possíveis, de aprendizagem sobre os modos como se relacionar e interagir com o meio físico e sociocultural.

Referências Bibliográficas:

CARNEIRO, R. (1996). "Prefácio", in J. Delors (org.), Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

DELORS, J. (1996). Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

GIROUX, H. (2000). "Democracia y discurso da la diferencia cultural: hacia una política pedagógica de los limites". Disponível en URL: http://www.quadenrsdigitals.net/

MELO, M. C. (2005). A expressão dramática. À procura de percursos. Lisboa: Livros Horizonte.

PÉREZ, V. (1996). La expresión dramática como médio de animación en educación social. Fundamentos, técnicas y recursos. Salamanca: Ed. Amarú.

YTARTE, R. (2007). "Cidadania e educação social. Cidadania e participação social a partir da Animação Sociocultural". In PERES, A. e LOPES, M. (Coord.) Animação Sociocultural - Novos Desafios. Ed. Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP), 167-179.